



**Estar próximo e estar junto: ações
performáticas na vizinhança do
Bairro Araés, em Cuiabá – MT**

**Gustavo Henrique de Faria Fernandes, Thaís Fernanda Rocha
Magalhães, Maria Thereza de Oliveira Azevedo**

**Estar próximo e estar junto: ações performáticas na
vizinhança do Bairro Araés, em Cuiabá – MT**

**Being close and being together: performance actions in
the community of the Araés neighborhood, in Cuiabá - MT**

Gustavo Henrique de Faria Fernandes¹,

Thaís Fernanda Rocha Magalhães²,

Maria Thereza de Oliveira Azevedo³

1 Doutorando em Estudos da Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Pós graduando em Arteterapia pelo NAPE - SP. Mestre em Artes pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Unesp. Pós-graduado em "Fundamentos da Cultura e das Artes" pela mesma Universidade. Graduado em Educação Artística - Habilitação em Artes Cênicas pela Universidade do Sagrado Coração e em Pedagogia pela Uninove. Participa do grupo de pesquisa Artes Híbridas: intersecções, contaminações e transversalidades. E-mail: gustavohfaria@gmail.com. ORCID no. 0000-0001-6359-9223.

2 Graduada em Artes Visuais-Habilitação em Licenciatura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea na Universidade Federal de Mato Grosso. Participa do grupo de pesquisa Artes Híbridas: intersecções, contaminações e transversalidades. E-mail: thaisrochama@gmail.com. ORCID no. 0000-0003-0410-7991.

3 Doutora em Artes Cênicas pela ECA/USP, Mestre em Cinema pela ECA/USP. Pesquisadora Associada do PPG Estudos de Cultura Contemporânea-ECCO/UFMT, e Líder do Grupo de Pesquisa Artes Híbridas, intersecções, contaminações, transversalidades e do Coletivo à Deriva. Orienta pesquisas na linha Poéticas Contemporâneas ECCO/UFMT. E-mail: maritheaz@gmail.com. ORCID no. 0000-0002-3337-2180.

Resumo:

A proposta deste artigo é uma discussão sobre os laços de vizinhança, ações artísticas e políticas, a partir da noção de “ocupação socioestética”, que é fruto das intersecções entre a pesquisa acadêmica e ações do *Coletivo à deriva*. A ação performática *Micronarrativas Afetivas* (2018) ocorreu no Bairro Araés, na cidade de Cuiabá, Mato Grosso, dentro da ocupação Cidade Possível Araés. Buscamos incorporar à nossa reflexão, as conceituações de cotidiano e vizinhança, de Michel de Certeau, para nos ajudar a identificar um complexo relacional entre as intervenções socioestéticas, o processo de criação em torno das ações e a comunidade do Bairro Araés.

Palavras-chave: Vizinhança. Cotidiano. Ação performática. Ocupação socioestética.

Abstract:

The purpose of this article is a discussion about neighborhood ties, artistic and political actions, based on the notion of *socio-aesthetic occupation*, which is the result of the intersections between academic research and *Coletivo à deriva's* artistic interventions. The performance *micronarrativas afetivas* took place in Bairro Araés neighborhood in the city of Cuiabá, Mato Grosso in 2018 within the occupation *Cidade Possível Araés*. We sought to incorporate in our reflection, Michel de Certeau's notion of everyday and neighborhood a to help us to identify a relational complex between the socio-aesthetics interventions, creation process around actions and the community of Bairro Araés.

Keywords: Neighborhood. Everyday. Performance action. Socio-aesthetic occupation.

Este artigo é uma reflexão sobre a potência política dos laços de vizinhança, a partir da “ocupação socioestética” realizada pelo *Coletivo à deriva*⁴ no Bairro Araés, na cidade de Cuiabá, Mato Grosso, em 2018. A ação performática *Micronarrativas Afetivas* (2018) integrou outra ação, mais ampla, intitulada *Cidade Possível Araés*, que envolveu alunos da disciplina Atrações temporárias: Estéticas Emergentes da Cidade, da Universidade Federal de Mato Grosso, os moradores do bairro e artistas de Cuiabá. Identificamos em nossa pesquisa um intercâmbio entre o coletivo artístico e a vizinhança do Bairro Araés, que envolveu um tipo de observação do cotidiano, permeado de sentidos afetivos. Escolhemos uma das microações, *Micronarrativas Afetivas*, para discutir as redes de vizinhança e laços de convivialidade como disparadores de possíveis ações políticas. Ação performática, encontro, afetos e ativação de memórias são alguns dos temas que atravessam essa experiência.

O Coletivo à deriva

O *Coletivo à deriva* é um coletivo flutuante de intervenção urbana, ligado ao Grupo de Pesquisa Artes Híbridas: intersecções, contaminações transversalidades, do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT. Foi criado em 2009, com ações performáticas no Bairro do Porto, na cidade de Cuiabá, e todos os anos realiza uma ação coletiva em algum ponto da cidade. Já passou pelo Largo da Mandioca, pelo campus da UFMT, pela Praça Ipiranga, pela Praça da República, pelo Morro da Luz, pelo viaduto da UFMT (onde seria o VLT), pela orla do rio Cuiabá e pelo Bairro Araés (em 2018), com a ação *Cidade Possível Araés*.

Cidade Possível envolveu os integrantes do *Coletivo à deriva* e vários artistas da cidade: performers, bailarinos, artistas plásticos, atores entre outros, além da comunidade, que participou ativamente das ações - como plantio de árvores, performances, oficinas e projeção de filmes -, que ocorreram num sábado, durante os três períodos do dia.

Ocupação Sócioestética

“Ocupação socioestética” é um conceito em processo, criado pela pesquisadora Maria Thereza Azevedo e desenvolvido durante o percurso das intervenções realizadas na cidade de Cuiabá pelo *Coletivo à deriva*, a fim de diferenciar de outras formas de intervenção urbana as ações organizadas pelo coletivo. Para Azevedo, ele surge “[...] com a finalidade de discutir a arte expandida no contexto urbano, em especial aquelas práticas que envolvem grupos de pessoas que se encontram e, ao mesmo tempo, encontram-se com as pessoas que vivem nos lugares do encontro” (AZEVEDO, 2019, p.107). A ação coletiva que ocorreu no Araés foi fulcral para esta compreensão, nos termos da autora:

Ocupação, aqui, é uma palavra retomada no sentido de apropriar-se afetivamente dos lugares por meio de trocas e ações com a participação dos moradores car-

tografando, conhecendo, compartilhando os espaços de vivência e criando laços de convivialidade. A ocupação pressupõe as disponibilidades para a construção de um território existencial, de modos de existência coletiva edificados por meio da experiência – experiência como a que pensa Larrosa, sempre singular, irrepitível, imprevisível, uma abertura para o desconhecido possível aos acontecimentos (AZEVEDO, 2019, p. 108).

Numa “ocupação socioestética”, o pensar e agir estão imbricados e implicados. Ocorrem simultaneamente, e são micropolíticas, definidas por Guattari e Rolnik (1986) como um conjunto de práticas capazes de ativar estados e alterar conceitos, percepções e afetos (modos de pensar- sentir-querer). É o que comenta Azevedo:

Isso inclui não só o estar junto ou a provocação de encontros, ou ações conjuntas, mas também a produção de uma memória que traduz este encontro, que se desdobra numa partilha reverberando na comunidade. Todo este movimento, regido pelo princípio da alteridade, é pautado por um circuito de afetos. O afeto como potência das relações que estão por acontecer (AZEVEDO, 2019, p. 108).

Assim, a “ocupação socioestética” valoriza o ocupar de um espaço da cidade, incluindo as sociabilidades próprias deste ocupar, assim como aspectos estéticos, definidos por Rancière (apud BISHOP, 2008) por meio de uma partilha. Claire Bishop (2008) observa: “Para Rancière, a estética não precisa ser sacrificada no altar da transformação social, já que ela contém inerentemente tal melhoria como promessa.” (BISHOP, 2008, p.155). A autora critica proposições de artistas relacionais que criam situações de sociabilidade, mas que têm o aspecto artístico (e, portanto, estético) ausente das suas propostas. Ao problematizar o incremento das práticas sociais na arte em detrimento do rigor artístico, Bishop questiona a diferença entre trabalhos artísticos e projetos sociais. Em resposta a esse alerta, buscamos apostar na potencialidade do encontro entre a vizinhança do bairro Araés e nossa proposta estética de *Micronarrativas Afetivas*.

O Bairro Araés e a ação poética

Araés é um bairro localizado no centro da cidade de Cuiabá, mas com características de periferia: a região é um ponto de Cuiabá onde a intensa urbanização da cidade - prédios, avenidas e comércios - contrasta às bananeiras plantadas nos quintais, às casas sem muro e às galinhas transitando nas ruas. No bairro, situado próximo ao Córrego do Sargento, existe o espaço cultural Boca de Arte, ateliê do artista plástico Gervane de Paula e ponto do bairro onde realizamos a ocupação *Cidade Possível Araés*. Para Azevedo:

[...] Araés é rodeado pelas principais avenidas da cidade de Cuiabá. É um bairro de moradores antigos, que ainda mantêm relações de vizinhança e trocas, mas ao mesmo tempo lidam com pontos de vendas de drogas, um córrego poluído, muitas ruas de terra e um certo abandono pelo poder público. Esse pedaço da cidade de Cuiabá já foi um quilombo e também foi uma aldeia dos índios Araés (AZEVEDO, 2019, p. 107).

Pensamentos que compõem subjetividades do coletivo aproximam os bairros centrais de grandes centros com espaços desenvolvidos economicamente, o que percebemos também que podem contrastar com desigualdades aparentes. Em abril de 2018, começamos um processo performático, que se iniciou com caminhadas estéticas (CARERI, 2013) e derivas, buscando uma cartografia (ROLNIK, 2016) que ouvisse os moradores do bairro e suas histórias. Visávamos propor devolutivas na forma de ações poéticas construídas como modos de criação artística e compreender como os laços de vizinhança e de coletividade se desenvolviam num bairro.

Para refletirmos sobre o contexto do bairro, o pensamos como um agrupamento de pessoas que se relacionam e compõem coletivos. Diferentemente de coletivos agrupados por escolhas, entretanto, um bairro se compõe por individualidades que se organizam por territórios, com proximidade física, ainda que sem escolhas deliberadas de convivência. Mas, a partir dessa intencionalidade “compulsória”, esses agrupamentos também se desenvolvem por processos singulares e subjetivos de aproximação. Conforme Mayol:

O bairro se define como uma organização coletiva de trajetórias individuais: com ele ficam postos à disposição de seus usuários “lugares” na proximidade dos quais estes se encontram necessariamente para atender as suas necessidades cotidianas. Mas o contato interpessoal que se efetua nesses encontros é, também ele, aleatório, não calculado previamente; define-se pelo acaso dos deslocamentos exigidos pelas necessidades da vida cotidiana: no elevador, na mercearia, no supermercado. Passando pelo bairro é impossível não encontrar algum “conhecido” (vizinho ou comerciante), mas nada permite dizer de antemão quem e onde (na escadaria, na calçada) (MAYOL, 2013, p. 44).

Considerando esses imprevistos gerados no espaço do bairro, passamos a caminhar pelas ruas do Araés. As escutas, então, aconteciam nas calçadas e no movimento das ruas, regidas pelas dinâmicas dos moradores, em seus engajamentos comunitários e presenças cotidianas, e nos espaços em comum da vizinhança, como os mercados, bares e igrejas. Nossa perspectiva como artistas-pesquisadores do *Coletivo à deriva* foi a de experimentar a convivência, permeada por aspectos de um encontro por quem já habita esse espaço. A caminhada era também alinhada às ações já desenvolvidas pelo *Coletivo*, numa experiência de atravessamentos da e pela cidade, e em busca de imersão em elementos subjetivos, para além do concreto que víamos nos espaços por onde transitávamos, mas o que poderia se desdobrar dos encontros, das escutas e dos diálogos nesses espaços e com as pessoas que encontraríamos por esse caminho.

Construindo a ideia dessa deriva, que propusemos, nos termos de Careri (2013) “[...] como uma operação construída que aceita o destino, mas não se funda nele” (CARERI, 2013, p. 89), percorremos o bairro, seguindo algumas instruções previamente definidas pelos artistas-pesquisadores, tais como andar numa rota guiada pelos acontecimentos e conversas; observando espaços e contextos; criando diálogos pela imersão e apoiados sempre por uma escuta ativa dos moradores, suas histórias e memórias.

Reconhecer as proximidades como práticas de vida faz com que discutamos a importância desses espaços para convivências num devir do “estar junto”. Nos encontros com os moradores, algumas pessoas com quem conversamos nos convidaram para conhecer seus quintais, suas plantas e seus cotidianos. Falamos de receitas; ouvimos suas histórias e contamos as nossas. Criamos espaço para ocupar esse cotidiano afetivo, de estar com o outro. Propusemos um estar próximos, no sentido de entender como se dão essas relações, refletindo também sobre as estéticas de vizinhança, ou seja, como eram construídas aquelas convivências e como isso reverberava para nós. Na definição de Mayol: “O bairro aparece assim como lugar onde se manifesta um “engajamento” social ou, noutros termos: uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição.” (MAYOL, 2013, p. 37).

Pensar caminhos do pertencimento foi um aspecto de engajamento da ação, enquanto entendíamos as articulações presentes nesse sistema de proximidade dimensionado pelo conceito de bairro. Numa das caminhadas, da varanda de sua casa, um morador perguntou para o pesquisador Gustavo Fernandes se ele era americano, sugerindo seu não pertencimento (do ponto de vista do morador), o que valida a noção de vizinhança como espaço de proximidade. O morador também testemunhou, com sua pergunta, a prática do bairro (CERTEAU, GIARD, MAYOL, 2013, p. 41.), que acontece em seu cotidiano, nas relações de conveniência. Nos termos de Mayol: “A conveniência é o gerenciamento simbólico da face pública de cada um de nós que nos achamos na rua” (MAYOL, 2013, p. 47). Assim, a conveniência pode produzir comportamentos condicionados, moldados dentro de um padrão, que baliza o modo como o outro nos enxerga; de tal forma que promover outras proximidades pode produzir convivências para além das conveniências habituais.

Para explicar a ação poética, relataremos a narrativa inicial do primeiro contato e convivência com Dona Arlete⁵, moradora antiga do bairro. A senhora nos recebeu do portão de sua casa e aos poucos, entre palavras e histórias de vida (que foram abrindo espaços subjetivos), ampliou os espaços físicos da convivência, nos convidando para conhecer seu quintal, suas plantas, suas crenças religiosas e sua culinária. - “Vamo entrá”, ela disse. Mobilizada por um processo de empatia, com o reconhecimento dos artistas-pesquisadores, apoiado pelas afinidades e escutas, ela nos contou que o neto não serviu o café do São Benedito, como era costume todos os dias: “O primeiro café é o do São Benedito”, disse, alegando ainda que o santo não havia bebido o do dia anterior.

Com este relato, Dona Arlete abriu caminhos para nossas próprias histórias e crenças familiares, num processo que podemos entender como de partilha do sensível (RANCIÈRE, 2009). Rancière (2009) esclarece que uma partilha do sensível evidencia a existência de um comum partilhado, ao lado de partes exclusivas. Ao relatar a história do Santo, Dona Arlete nos aproximou desse comum da história, de que nós também já tínhamos ouvido. Porém, garante sua individualidade, ao trazer elementos pelos quais só ela e sua família haviam passado.

A partilha do sensível se estabelece como uma ponte para a construção de um comum - político - por meio da arte. Aproximando o conceito da perspecti-

⁵ Nome ficcional para este artigo.

va da vizinhança, entendemos o bairro como essa experiência política do comum compartilhado, compondo com os moradores e vizinhos individualidades que garantam que esses espaços e práticas se desloquem do individual para o coletivo e vice versa. Mayol complementa:

A fixidez do habitat dos usuários, o costume recíproco do fato da vizinhança, os processos de reconhecimento – de identificação – que se estabelecem graças a proximidade, graças a coexistência concreta em um mesmo território urbano, todos esses elementos “práticos” se nos oferecem como imensos campos de exploração em vista de compreender um pouco melhor essa grande desconhecida que é a vida cotidiana (MAYOL, 2013, p. 38).

A ação a partir do flunar e das escutas

Imersos à vida cotidiana do bairro pela proximidade com os moradores em histórias de vizinhança, criamos micro-narrativas com aquarelas, em formato de cartão postal (Fig.1),



Fig. 1 - Postal aquarelado de Thaís Magalhães, parte da ação Micronarrativas Afetivas, realizada na ocupação *Cidade Possível Araés*, em 2018. Fonte: acervo da autor.

Na entrada do Coletivo à deriva no Bairro Araés, visitas que antecederam a ocupação *Cidade Possível Araés* tiveram a intenção de realizar uma aproximação com a comunidade. Já relatada neste artigo, essa aproximação trouxera impressões, sensações, narrativas e imagens da relação com o bairro, que deram origem a uma série de imagens em aquarela compostas com frases, como parte da nossa escuta. Nos postais, a imagem, inspirada pelas conversas com os moradores do bairro, se somava a uma frase inspirada pelo encontro com a comunidade e a uma mensagem, escrita a mão por um participante da “ocupação socioestética”. Foi no dia dedicado à ação de ocupação, quando realizamos outro tipo de escuta, que oferecemos os postais para que cada participante escrevesse um recado a mão, no verso do postal ilustrado, para algum morador do Bairro Araés. Então, pedimos que as pessoas nos explicassem como chegar naquele endereço, para fazer a entrega.

Depois de passarmos parte do dia embaixo de uma árvore recebendo os recados, outra ação se consolidava, diversa do primeiro momento, de deriva, e das escritas endereçadas. Em uma espécie de cortejo, nós e outros participantes da ocupação fomos de casa em casa, seguindo as indicações de onde o cartão devia ser entregue para, passando pelo caminho, chegarmos nas casas buscadas. Transitamos pelo bairro, perguntando nos bares, casas e oficinas mecânicas sobre os moradores que buscávamos. Ao encontrar um endereço, por exemplo, “casa do João ao lado da oficina do José”, batíamos palma gritando “ô de casa!”.

No momento da chegada na casa do/a destinatário/a, a surpresa de quem o receberia: ao lerem o recado no cartão, algumas pessoas se emocionavam, enquanto outras ficavam tímidas. Se não estavam em suas residências, ficava em nós a sensação de desencontro com o afeto proposto.

Ator-rede: reagregando o social

A rede estabelecida entre diferentes coletividades - o *Coletivo à deriva* e a comunidade do Bairro Araés - nos aproximou da noção de ator-rede, desenvolvida pelo sociólogo Bruno Latour. Em *Reagregando o Social* (2012), o autor complexifica o uso da ideia de sociedade nas ciências sociais, e defende que um determinado contexto social inclui outros elementos relacionais, por exemplo, objetos, plantas ou animais. Latour (2012) propõe uma perspectiva interdisciplinar, bastante contemporânea, a respeito dos fenômenos sociais, fornecendo um território profícuo para nossa teia socioestética, tecida a partir da ação performática que realizamos no bairro.

Latour parte da ideia de que o social é permeado por fontes de incerteza. Por isso, observamos um contexto comunitário que se recompõe constantemente, na medida em que pessoas, objetos, animais e acontecimentos modificam a paisagem de uma vizinhança. Para o autor, na realidade não sabemos de que o mundo social é feito (LATOURE, 2012, p. 72), por ser constituído a partir das relações, diferenças e transições. Foi apenas a partir das nossas pequenas entradas no Bairro Araés que uma rede social foi sendo configurada e revelada para nós.

Essa rede de vizinhança aberta ao *Coletivo* passou a ser parte da com-

posição do bairro naqueles dias. A interação que tivemos com a Dona Arlete também exemplifica como a ação socioestética foi sendo aderida ao tecido comunitário, sem que houvesse uma imposição do artista-pesquisador em relação ao ator-pesquisado. Assim, concordamos com Latour (2012), quando diz: “Por razões científicas, políticas e mesmo morais, não convém que os pesquisadores definam antes dos atores, e *no lugar* deles, o elemento básico de que o mundo social é feito.” (LATOURE, 2012, p. 69). Foi na relação estabelecida entre a comunidade e os artistas pesquisadores que encontramos os elementos do Araés que fizeram parte da ação performática. As *Micronarrativas Afetivas* foram criadas na observação do cotidiano da vizinhança, das galinhas, bananeiras, à arquitetura das casas e o Córrego do Sargento, e na escuta das conversas com a vizinhança.

A narrativa de Dona Arlete sobre São Benedito nos mostrou uma significativa ação comunitária do Bairro, a festa de São Benedito, uma das festas religiosas mais populares do Estado de Mato Grosso. Segundo Dona Arlete, a celebração acontece também dentro das casas, que se abrem para a comunidade, oferecendo um almoço; o que nos leva a concluir que essa comunidade, pensada como coletivo, aporta inúmeros modos de fortalecimento dos laços comunitários. Para Law (2006): “Mas o caso geral que é enfatizado pela teoria ator-rede é esse: se os seres humanos formam uma rede social, isto não é porque eles interagem com outros seres humanos. É porque eles interagem com seres humanos e muitos outros materiais também” (LAW, 2006, p. 3).

Nessas partilhas sensíveis entre aquela comunidade e nosso *Coletivo*, os objetos estéticos foram disparadores dos encontros. Duas das entregas de postais foram na casa da Dona Arlete. Uma delas, feita por uma das artistas-pesquisadoras, trazia na mensagem uma frase sobre São Benedito, feita em homenagem à matriarca (Fig. 2). Ao recebê-la, Dona Arlete contou novamente sobre o absurdo de deixar café velho para o santo, e nos levou para os fundos de sua casa, para mostrar outras imagens dos santos de que ela é também devota. Veio daí uma outra história, também relacionada ao objeto, que nos ensinou a respeito desses laços comunitários. Dona Arlete nos contou que a imagem de uma santa havia sido jogada por uma vizinha pastora e ela a resgatou, aumentando sua coleção e alimentando suas histórias.



Fig. 2 - Postal aquarelado de Thaís Magalhães, na ação Micronarrativas Afetivas, realizada na ocupação Cidade Possível, em Araés, em 2018. Fonte: acervo da autora.

Considerações finais

No movimento da “ocupação socioestética”, foi possível observar que a vizinhança se compõe pelo reconhecimento e identificação de um outro indivíduo em proximidade, como defendem Certeau, Giard e Mayol (2013), e pela articulação em rede, como observa Latour (2012). Ao tomarmos contato com a comunidade do Araés, fomos observando os fluxos e movimentos no cotidiano de uma vizinhança que se movimenta em memórias, objetos, fazeres e sentidos, em termos coletivos e comunitários, que garantem essa vizinhança em suas especificidades. Uma rede se estabeleceu nas interrelações entre artistas, pesquisadores e comunidade, ao passo que outra rede se revelou entre as tensões da vizinhança, as histórias coletivas e os laços comunitários. Se, por um lado, provocamos um acontecimento no Bairro Araés, por outro lado, acessamos uma rede de vizinhança que nos apontou caminhos para pensar a coletividade, talvez, como uma referência de utopia comunitária.

Os aspectos característicos do bairro nos levaram a refletir o quanto esse espaço compõe memórias e garante identidade para quem o ocupa. Ainda, nos indicaram o quanto os grupos necessitam desses espaços de coletividade para organizar afinidades, validar desejos e construir potências para ocupar e agir no mundo. Foram as ações socioestéticas que serviram como ponto de mobilização e mudança nos cotidianos: ao suspender a vida pelas ações artísticas, criamos espaços para outros modos de convivência, que garantiram um estar no mundo com mais potência de ação.

Com o flunar pelo bairro, na construção das poéticas e pela experiência do vivido, construímos outros modos de ocupação. A observação e a escuta movimentaram em nós, artistas-pesquisadores, outras expressões de afeto. Inventamos com a ação um corpo da experiência, que se colocou a partir dos atravessamentos que sofreu, deixando que a vivência “passasse por nós”. (LARROSA, 2011). Segundo Larrosa:

Se a experiência é “isso que me passa”, o sujeito da experiência é como um território de passagem, como uma superfície de sensibilidade em que algo passa e que “isso que me passa”, ao passar por mim ou em mim, deixa um vestígio, uma marca, um rastro, uma ferida. Daí que o sujeito da experiência não seja, em princípio, um sujeito ativo, um agente de sua própria experiência, mas um sujeito paciente, passional. Ou, dito de outra maneira, a experiência não se faz, mas se padece. (LARROSA, 2011, p. 8)

O corpo passional, que sofre e não apenas promove a experiência, foi exercitado no processo de criação e o habitou. Com isso, fomos reunindo sensações e impressões para, de modo poético, devolvermos de alguma maneira o que foi sentido por nós naquele ambiente, inundado de tantos sentidos para que o habita.

Assim, a intervenção na comunidade mobilizou quem viveu a ação como espectador, mas também de quem a provocou. Ouvir as pessoas; transformar as palavras em micronarrativas e imagens de aquarelas e entregar os postais nos colocou tal e qual um outro relacional no cotidiano da comunidade; ao mesmo tempo que nos convidou a habitar o espaço do bairro, antes de intervir nele. Tratou-se de um processo de proximidade, em que construímos, pelas ações sócio-estéticas, outras redes de afetos e outras paisagens no Bairro de Araés. Por fim, a composição da ação performática, que nos situou no bairro como interlocutores, também aproximou a pesquisa acadêmica com a ação artística na vizinhança do Bairro Araés, trazendo reflexões sobre o quanto aspectos da proximidade podem suscitar presença e outros modos de estarmos juntos na contemporaneidade.

Referências:

- AZEVEDO, Maria Thereza O. Ocupação socioestética, por uma poética da proximidade. *Revista Polifonia*, 26, (42), abril-junho, p 102-116, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/8642>. Acesso em: 12 out. 2021.
- BISHOP, Claire. A virada social: colaboração e seus desgostos. *Concinnitas*, 1, (12), jul., p 144-155, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/22825/16284> . Acesso em: 05 out. 2021.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Trad. Frederico Bonaldo. São Paulo: Editora G. Gilli, 2013.
- CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- LARROSA, B. Jorge. Experiência e alteridade em educação. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.19, no. 2, p. 04-27, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444/1898>. Acesso em: 12 out. 2021.
- LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador - Bauru, EDUFBA - EDUSC, 2012.
- LAW, John. *Notas sobre a teoria do ator-rede: ordenamento, estratégia, e heterogeneidade*. Rio de Janeiro: COMUM, 2006.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.

Submetido em: 22/10/2021

Aceito em: 16/01/2021